



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A MULHER E O CASAMENTO NO FINAL DO SÉCULO XIX: leitura da  
representação da mulher no conto “Missa do galo”, de Machado de Assis**

**João Paulo Caetano da Silva**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2022**

**JOÃO PAULO CAETANO DA SILVA**

**A MULHER E O CASAMENTO NO FINAL DO SÉCULO XIX: leitura da  
representação da mulher no conto “Missa do galo”, de Machado de Assis**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Joao Paulo Caetano da.  
A mulher e o casamento no final do século XIX: I  
eitura da representação da mulher no conto "Missa do  
Galo", de Machado de Assis. [manuscrito] / Joao Paulo  
Caetano da Silva. - 2022.  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,  
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Missa do Galo. 2. Narrativa. 3. Mulher. 4. Machado de  
Assis. I. Título

21. ed. CDD 801.95

**A MULHER E O CASAMENTO NO FINAL DO SÉCULO XIX: leitura da  
representação da mulher no conto "Missa do galo", de Machado de Assis**

**JOÃO PAULO CAETANO DA SILVA**

APROVADO EM: 02 de dezembro de 2022.

Vaneide Lima Silva

Profª. Drª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Elanny Cecília de A. P. e Almeida

Profª. ME. Elanny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Francisco Hélio da Silva

Profª. Dr. Francisco Hélio da Silva

Examinador Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me permitir alcançar mais uma vitória; aos meu pais João Raimundo Sobrinho (in memoriam) e Raimunda Caetano da Silva; esposa Elane da Silva Lima e filhas Paula Karolayne de Lima Caetano e Anallyce de Lima Caetano.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, pelo o dom da vida e por Ele ser sempre o meu guia espiritual, que me sustenta com a sua destreza forte e poderosa todos os dias de minha vida. Sou eternamente grato aos meus pais João Raimundo Sobrinho (in memoriam) e Raimunda Caetano da Silva que sempre me ensinaram a caminhar com integridade essa jornada da vida educacional, sempre estimulando-me nesta área como em tantas outras com muito amor, sem limitar em nenhum momento o seu tempo, apoio e incentivo sempre.

A minha esposa Elane da Silva Lima Caetano que continuamente e incessantemente me orientava e aconselhava em todos os momentos, ajudando-me com suas orações a Deus em minha causa, sendo sempre amiga, esposa, companheira. As minhas filhas Paula Karolayne de Lima Caetano e Anallyce de Lima Caetano sempre me ajudando com o amor e carinho transmitido ao longo desse período. Aos meus irmãos, cunhados, sogro, sogra, sobrinhos, enfim, a todos de forma direta/indireta contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço aos meus professores da graduação que me ensinaram muito e me proporcionaram um leque de conhecimento que guardarei comigo enquanto profissional e ser humano, estes, essenciais em minha acadêmica.

Agradeço a Dr<sup>a</sup> Vaneide Lima Silva, professora e orientadora, por ter me ensinado no percurso da graduação e por ter aceitado ser minha orientadora, sendo sempre tão atenciosa e paciente. Meu muito obrigado.

“Não basta ver uma mulher para conhecê-la, é preciso ouvi-la também; ainda que muitas vezes basta ouvi-la para a não conhecer jamais“

**(Machado de Assis)**

## RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a mulher e o casamento no final do século XIX, no conto “missa do galo” (1893), do escritor Machado de Assis, uma vez que a narrativa gira em torno de Conceição, mulher casada que tem conhecimento das traições do marido. Esta personagem domina o enredo do conto, nos possibilitando refletir a situação da mulher da época em que a narrativa foi publicada. Trata-se, do ponto de vista de sua metodologia, de uma pesquisa de base bibliográfica, que recorreu principalmente aos estudos de Brayner (1981), Proença Filho (1984), dentre outros trabalhos acerca da obra de Machado de Assis e do gênero conto. De um modo geral, o autor expõe relatos em torno de um padrão familiar de base patriarcal burguesa, aonde o homem cumpre um papel de liderança, de autoridade, força e poder, enquanto a mulher permanece no papel de dona de casa. A análise empreendida demonstra que Conceição, de certa maneira, foge ao padrão de comportamento de sua época, insinuando-se para um jovem que se hospeda em sua casa e, dessa forma, revidando os atos infiéis de seu marido, como forma, talvez, de evidenciar seu inconformismo com o comportamento do marido.

**Palavras-chave:** “Missa do Galo”. Narrativa. Mulher.

## ABSTRACT

The present work proposes to analyze women and marriage at the end of the 19th century, in the short story "missa do galo" (1893), by the writer Machado de Assis. Regarding the quality of women's social situation, which since ancient times has undergone considerable and significant changes, literary works over time have become a great support through which such social changes can be examined and debated in the face of literary analysis. Machado de Assis exposes us to reports a family pattern of bourgeois patriarchal basis, where the man plays a role of leadership, authority, strength and power, on the other hand, the woman remains in the secondary field of the narrative, due to her assuming the role of owner in everyday life. From home. Some natural characteristics lead her to this social condition, through, for example, the representation of nature, the figure of the woman as a mother and the care of the children, in addition to the responsibilities that are imposed on her with her husband and the rest of the house and the vision submission of their role in society. Given these considerations, the present study intends to analyze the figure of women and marriage at the end of the 19th century in the short story "Missa do Galo" by Machado de Assis, through the conservative action of patriarchalism in the 19th century.

**Keywords:** "Missa do Galo". Narrative. Women.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 MACHADO DE ASSIS E O GÊNERO CONTO: algumas considerações</b> ..	12
1.1 Sobre o gênero conto: definição e caracterização .....	12
1.2 O conto de Machado de Assis: palavras da crítica .....	15
<b>2 “MISSA DO GALO”: enredo, personagens, foco narrativo</b> .....	21
<b>3 CONCEIÇÃO E A MULHER DO SÉCULO XIX: uma análise do papel da mulher no conto</b> .....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30

## INTRODUÇÃO

A narrativa “Missa do Galo”, de Machado de Assis, gira em torno de Conceição, mulher casada que tem conhecimento das traições do marido. Esta personagem domina o enredo do conto, nos possibilitando refletir a situação da mulher da época em que a narrativa foi publicada. Deste modo, objetivamos, neste artigo, analisar o papel da mulher no conto, detendo-nos, para tanto, no personagem Conceição, figura feminina que assume grande importância no conto, no qual o autor busca retratar as relações sociais no século XIX.

A narrativa deste conto inicia-se a partir do encanto e das insinuações reveladas através do diálogo travado pelas personagens Nogueira, um adolescente de dezessete anos e Conceição, uma jovem senhora de trinta anos, casada com Menezes. Elaborado no final do século XIX, o conto deixa bem claro as características do contexto histórico-social, sobretudo no que diz respeito às relações sociais, revelando o jogo de interesses que verifica nos relacionamentos em geral e no modo como retrata o comportamento feminino, temática que perpassa o conto em estudo e nos desperta bastante interesse, justificando-se, assim, nossa escolha pela narrativa para a realização dessa análise.

Conceição é apresentada inicialmente como uma mulher submissa e conformada com o casamento, sendo capaz até de aceitar as traições do marido, o qual, ao menos uma vez por semana, se encontrava com a amante. Mas a “santa” Conceição se revela ao longo do enredo, sobretudo depois de uma conversa muito suspeita que tem com Nogueira, quando este esperava um amigo para ir assistir a Missa do Galo. Durante o diálogo, cheio de insinuações por parte de Conceição, percebemos a complexidade da personagem, que assume, no desenvolvimento da narrativa, grande importância no conto.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho se caracteriza como de base bibliográfica e toma como aporte teórico autores voltados para a obra de Machado de Assis, a exemplo de Brayner (1981), Proença Filho (1984), dentre outros. Sua estrutura apresenta-se da seguinte maneira: inicialmente, no primeiro capítulo objetiva discutir a produção literária de Machado de Assis, mais especificamente o gênero conto, manifestação literária que amadurece a partir da obra desse autor. No segundo capítulo, apresentaremos um resumo do enredo do conto, apontando e caracterizado seus principais personagens, bem como identificando seu foco

narrativo. No terceiro e último capítulo, nos debruçaremos no estudo analítico da personagem Conceição, identificando seus traços, esmiuçando seu comportamento, na tentativa de perceber o papel da mulher representado no conto.

Esperamos que este estudo suscite o interesse pela obra de Machado de Assis em sala de aula, cuja produção literária apresenta grandes possibilidades de ampliar o debate em torno de questões sociais presentes na sociedade atual, a exemplo do papel da mulher na sociedade, o jogo de interesse que marca os relacionamentos familiares, o preconceito de cor e tantos outros aspectos presentes nos relacionamentos humanos.

## 1 MACHADO DE ASSIS E O GÊNERO CONTO: algumas considerações

Este capítulo objetiva discutir a produção literária de Machado de Assis, mais especificamente o gênero conto, manifestação literária que amadurece a partir da obra desse autor. O intuito é retomar algumas considerações teóricas sobre o gênero Conto, partindo de sua definição e caracterização, bem como, num segundo momento, apresentar comentários críticos em torno da produção contista de Machado de Assis, procurando, assim, identificar o lugar e o papel do autor no contexto da construção do conto literário brasileiro.

### 1.1. Sobre o gênero conto: definição e caracterização

O conto é, num primeiro momento, uma forma narrativa, sucinta, em prosa e de extensão reduzida, no sentido de tamanho, caracterizado, basicamente, pela concisão, precisão e densidade dialética. Portanto, ele precisa causar efeito singular no leitor, presumindo a existência de um leitor implícito.

No que se refere ao conceito de conto, para Moisés (1967, p.30) foi somente “no século XVI, a palavra assumiu sentido próprio, contemporaneamente ao surgimento do primeiro contista do Idioma na acepção moderna”. Contudo, vale lembrar que “[...] No século XVIII, além de confundir-se com “novela” e “romance”, em decorrência das ambiguidades devidas à polissemia, o sentido do lexema ‘conto’, ainda quando se tratasse de conto literário, guarda coloração pejorativa” (MOISÉS, 1967, p.30-31). Além disso, “ao longo do movimento romântico, empregava-se o vocábulo “conto” no sentido de narrativa popular, fantástica, inverossímil” (MOISÉS, 1967, p.30-31). Foi somente com a escola realista que o conto passa a ser importante para a literatura enquanto arte, de fato, literária.

Essa importância atribuída ao conto ocorre “nas últimas décadas do século XIX, com o advento do Realismo, o conto literário entrou a ser cultivado amplamente, iniciando um processo de requintamento formal que não cessou até os nossos dias. E o vocábulo “conto” passou a ser genericamente utilizado” (MOISÉS, 1967, p.31). Tanto o é, que “[...] Não obstante, Machado de Assis procurou evitá-lo, na maioria de suas coletâneas no gênero: *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899)” (MOISÉS, 1967, p.31).

O conto possui elementos e estrutura bem marcados, sendo que o tipo de história pode indicar o tipo de conto que estamos lendo. Diante disso, para que uma narrativa seja considerada um conto, alguns elementos são muito importantes e indispensáveis tais como: personagens, narrador, tempo, espaço, enredo e conflito.

Nas narrativas, sendo reais ou fictícios, precisam ter um ou mais seres vivenciando sua história. Esses seres podem ser pessoas ou, até mesmo, animais, objetos e seres imaginários que ganham vida e consciência para viver aquela história, chamados de personagens da narrativa. Embora seja comum que o conto tenha poucas personagens, existem contos com muitas delas (habitantes de um bairro, por exemplo).

Mesmo assim, a narrativa continua sendo breve. Em relação ao narrador, ele é a voz que conta a história dentro da narrativa, o mesmo pode contá-la de três maneiras, sendo o narrador-personagem, quando uma das personagens que vivencia a história faz, também, o papel de narrador, ou seja, uma das personagens narra a história. Por isso, muitas vezes, os verbos são conjugados em primeira pessoa, mas podem também ser conjugados em terceira quando o narrador-personagem conta o que acontece com os outros personagens.

Existe também o narrador-observador, esse tipo de narrador não participa da história. Ao invés disso, ele é apenas uma “voz” contando o que acontece, narrando a história. Entretanto, assim como o leitor, esse narrador não sabe o que se passa na consciência das personagens, não sabe o que aconteceu no passado (anterior à narrativa) nem o que acontecerá no futuro.

Encerrando os ciclos de narradores, surge o narrador-onisciente, sendo o mesmo como o observador, ele não participa da história. Entretanto, essa “voz” é onisciente, ou seja, sabe de tudo no universo daquela narrativa: ela sabe e pode contar o que as personagens estão pensando e sentindo. Também conhece e pode contar o passado anterior à narrativa e o futuro.

As narrativas ocorrem em um período determinado, trata-se do tempo de duração entre o início e o final da narrativa e da época em que a mesma acontece. É mais comum que as histórias dos contos aconteçam em pouco tempo, podendo ser minutos ou até alguns dias, mas é possível que elas se passem durante muitos anos, em qualquer um desses casos, a narrativa será breve por tratar-se de um conto, sendo que em alguns deles, são sobre histórias que se passam nos dias de hoje,

e outros podem passar-se em algum lugar do passado ou, até mesmo, em um futuro imaginado pelo autor e descrito pelo narrador da história.

Assim como o tempo, as narrativas precisam ocorrer em um espaço, descrito explícita ou implicitamente, onde as personagens situam-se. Novamente, por tratar-se de narrativa breve e curta, é mais comum que o conto ocorra em apenas um ou poucos espaços, mas ainda é possível que muitos cenários sejam percorridos durante a história, podendo ser apenas um pequeno cômodo de uma moradia, um país inteiro ou outra galáxia distante e imaginária. Em todo caso, a narrativa continuará sendo curta.

O enredo é o que acontece na história, ou seja, a sequência de ações que faz com que a narrativa exista e tenha uma estrutura, um começo, um meio e um fim. Em outros termos, ele trata de um conjunto de acontecimentos sucessivos executados pelas personagens em espaço e tempo específicos. É muito comum o uso dos termos trama, intriga ou argumento para se referir aos fatos de uma narrativa.

Por fim, os contos têm um conflito, que é uma situação gerada por uma das ações iniciais e que faz com que outras ações sejam tomadas pelas personagens para solucionar o problema. Essa sequência de ações forma o enredo e, geralmente, deixa o começo da narrativa diferente do final.

O conto também costuma ser estruturado sendo dividido em quatro partes, introdução, onde podemos descobrir o contexto da narrativa, ou seja, quem são as personagens, qual é o espaço e o tempo nos quais a história vai ser narrada e quais são os primeiros acontecimentos. Posteriormente, vem o desenvolvimento, momento em que são apresentadas as ações que modificam o estado inicial da narrativa, vemos no conflito a situação-problema que fará as personagens agirem para resolvê-lo.

Para Abaurre (2007) o conto é uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Ele deve construir uma história focada no desenvolvimento e na resolução de um conflito básico.

Ainda segundo a autora, o conto deve apresentar uma ordem determinada criada pelos elementos da narrativa, e esta será desequilibrada por um conflito que surge. A resolução desse conflito no fim do conto restaurará essa ordem inicial. O objetivo do autor do conto é apresentar uma situação ao leitor em que a estabilidade é desestruturada por um conflito, e o desenrolar e a solução desse conflito são os focos da história.

No clímax, é o momento de maior tensão, quando o problema está no auge e as ações tomadas definirão o rumo da história. Concluindo essa estrutura, chega-se à conclusão, como o nome já diz, é o final da história, que será provavelmente diferente de como ela começou. Pode mostrar que o problema foi solucionado ou não, dependendo muito mais do tipo de conto que estamos lendo.

Portanto cabe ao leitor se deleitar nesse fazer literário que, de uma forma ou outra, se torna tão necessária e importante literariamente, que tornou notável tantos escritores de renome, como é o caso Machado de Assis. Vejamos, a seguir, algumas considerações críticas em torno de sua produção contista, como forma de apontar sua importância na produção desse gênero.

## 1.2. O conto de Machado de Assis: palavras da crítica

Segundo Brayner (1981), Machado de Assis é considerado a grande figura do conto literário no século XIX devido a sua relevância não apenas por ser pioneiro do gênero no Brasil, mas, por ter conquistado confiança em mostrar suas perspectivas, capacidades e talento artístico. Inicia-se então com seu primeiro trabalho apresentado na Marmota Fluminense no ano de 1858, que levava o título “Três tesouros perdidos”. Seus escritos têm continuidade durante toda a segunda metade do século. Foram quase 300 contos compartilhados por jornais e revistas em todo o estado do Rio de Janeiro, sendo 68 livros selecionados por Machado de Assis em meio a essa abundante produção, levando em consideração a publicação de cerca 148 contos publicados. Segundo Brayner (1981, p.8):

Machado de Assis fez da atividade literária o centro de sua vida. O conto tornou-se em suas mãos matéria dúctil, com fisionomia reconhecível, no qual o “bruxo do Cosme Velho” (Drummond dixit) exercia a magia encantadora de suas variações sobre o tema predileto: a humanidade com seus vícios intemporais.

O título dado em *Papeis avulsos*, chamado de Advertência, apresentação de seus volumes ao público, é introduzido um tipo de traçado contínuo de suas obras, onde citam nomes como o de Denis Diderot, escritor francês, a partir de um mesmo pensamento “Mon ami, faisons toujours des contes... Le tems se passe, et le conte

de l'avie s'achève, sans qu'on s'en aperçoive”<sup>1</sup>. De forma clara, Machado evidencia a necessidade de uma narrativa de boa qualidade, para que não venha ser enfadosa ao público leitor, tendo em vista ser de estrutura curta.

Percebe-se como nosso autor conhece os elementos e a maneira correta de usá-los para alcançar êxito em seus pensamentos. Todo esse resultado vem de uma aprendizagem contínua, a princípio iniciada de forma inferior, influenciada por um sentimento romântico outrora vivenciado por Machado em sua primeira fase, onde a sua precisão, e facilidade de comunicar-se, como a sua variedade formal, modelo de sua produção posterior, ainda não era tão explorada.

Brayner (1981) comenta que os contos publicados até 1880, como *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873), foi uma contribuição que Machado deu ao *Jornal das Famílias*, apreciado pelas mulheres que se aproxima oferecendo um mundo de desejos e emoções. Nestes contos considerados longos e até subdivididos em partes, “o aspecto de “cenas”, a preocupação em manter certa unidade de espaço, assunto, tempo, personagem, influíram nos cortes de capítulos pela necessidade do contista em dividir seu material pelas diversas edições.

Observamos bem isso na maioria dos contos de suas primeiras coletâneas, subordinados a essa teatralidade epidérmica de um teatro que se quer ficção. A trama também aparece com suas características amorosas, surgindo com encontro, desencontros, noivados atados e desatados, possíveis adultérios, este transgressor na visão conservadora e moralista deste primeiro Machado. Vigorosamente organizado em volta do diálogo com seus personagens, é através dessa encenação que eles se resolvem como tipos sociais e perfil de seu caráter.

Machado de Assis é considerado aquele que retrata a sociedade carioca na metade do século XIX, usando assim nos seus contos uma população extraída de uma classe média urbana surpreendida na composição de sua imagem. No início de suas obras, Machado deixa claro a preferência por narrativas produzidas com o intuito de estimular o leitor a perder-se na ilusão do agora e do posterior, sendo eles, o método dramático de exposição direta, o amplo uso da comunicação e o ponto de vista em primeira pessoa, restrito, autobiográfico. “É na dramatização que ele vai

---

1 “Meu amigo, vamos sempre contar histórias... O tempo passa, e a história da vida termina, sem que percebamos”

encontrar o caminho para solucionar narrativas na conjugação da perspectiva do narrador, personagens e leitor”. (Brayner, 1981, p.10).

O conto machadiano, de maneira concisa, é construído por uma cadeia coerente de ações, comprometido com uma performance de representação que causa mudanças em sentimentos e concepções que exigem delas mesmas, expressões de grandes causalidades. É comum em seus contos, Machado de Assis inclinar-se para a observação, o psicológico, na qual o personagem central expõe suas percepções como também justifica suas atitudes vivenciadas. Exemplificando, podemos apontar “O enfermeiro”, “O espelho”, “Missa do Galo”, que apresentam essa habilidade do foco narrativo autobiográfico, reduzindo e tornando de forma exclusiva o ponto de vista central, onde as motivações são examinadas do ângulo do protagonista.

Ainda de acordo com Brayner (1981), Machado de Assis consegue descrever de maneira intimista o oculto da alma humana, revelando seus segredos através de seus contos, sem perder de vista as mínimas variações, estando atento às transformações de valores da consciência e aos caracteres de exceção. Quando a autora expõe o Machado-pensador, ela vai descrever que o caráter demonstrativo do conto machadiano se mostra de forma extensa e ao ser explorado o autor assume de forma definitiva a tradição da sátira menipeia, introduzindo-se para o âmbito aberto da fantasia. Com isso, a representação da realidade perde seus compromissos com uma estrutura da realidade, neles os protagonistas passam a ser ideias corporificadas, concedendo oportunidade de manifestar planos ideológicos em discussão. É nesse pensamento que o autor consegue adquirir interação de dificuldades de sua época e transforma em figuras centrais o relacionamento de discursos do seu século. Ainda sobre esse Machado-pensador, Brayner (1981, p.14) vai dizer que:

A paródia ou fantasia (inúmeras vezes caminhando juntas como em “O segredo do Bonzo”) são espaços caros ao Machado-pensador, pois é nesses textos que reivindica um leitor mais experiente da tradição e dos recursos das formas literárias ocidentais. Saborear um texto machadiano não é uma tarefa “simples”: a leitura de reconstrução é complexa, pois envolve uma dupla decodificação – o que está sendo afirmado no nível da história e o que está sendo veiculado sobre um texto anterior na inversão quase sistemática proposta pelo autor.

Os contos e romances machadianos em seu caminho na ficção, mostram-se em todo tempo um chamado constante ao seu público para compartilhar de uma

aventura no mundo da intelectualidade dominado pelo “humour”, sua contrapartida para o pessimismo. Ao examinar a relatividade dos valores, na ótica dos interesses pessoais e sociais como o desapontamento de todo idealismo, permite-nos que haja aprovação no tema da frustração, um reflexo da tonalidade central do absurdo, sua nova forma para a visão do *homo sapiens*, agora travestido em *homo absurdus*. Esta afirmação é a informação necessária de articulação de seu sistema temático tanto para os contos como aos romances.

Interessa ainda o texto de Brayner (1981) quando afirma que “a distância entre o ser e o parecer e a importância que o homem dá a opinião ao tema central da relatividade da razão humana, é a face dupla, a muleta da consciência nos acidentados caminhos do consórcio humano”. Portanto, fica claro para a autora que a “conduta arbitrária da humanidade, estará sempre a vestir a fatiota engomada da ordem do dia”.

É notório nos contos de Machado de Assis percebermos que seus personagens, sejam eles homens ou mulheres, estão sempre às voltas com o toque de seus sentimentos momentâneos dissolvidos e diminuídos em importância no decorrer em que os anos passam juntamente com os sentimentos existentes. É nesse tempo em que posteriormente se altera a forma de pensar, fazendo aparecer à “lei da equivalência das janelas da consciência” contida em uma das suas grandes obras denominada de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Ainda sobre as colocações de Brayner, Machado de Assis sem sombra de dúvidas é o grande arquiteto da ficção na segunda parte do século XIX. A técnica de reprodução e diálogo serve-lhe de instrumento hábil para provocar o discurso tensional em que contextos opostos se cruzam, originando provocações de contradições profundas. É, sobretudo, na produção final da década de setenta em diante que domina plenamente a arte da linguagem, dando-lhe oportunidade de traduzir suas visões do homem brasileiro, mas eterno em essência. A modernidade da visão machadiana reside na própria atmosfera estilística e ideológica dos textos, estreitamente vinculados ao próprio ato de criar e a situação do artista diante de seus dilemas pessoais e universais.

Domício Proença Filho (1984), em sua coletânea *Os Melhores Contos de Machado de Assis*, vai expressar a grandeza atemporal dos contos machadianos, afirmando que as várias interpretações e significados das palavras e a sua universalidade são características fundamentais a permitir que um texto seja atual e

se renova mesmo tendo sido outrora escrito, características estas, encontradas nos contos de Machado de Assis. As narrativas de Machado giram em torno do cotidiano e das pequenas coisas. Sempre de forma irônica, que é uma marca do autor, faz uma análise do homem e da sociedade em que está inserido.

Para Domício (1984), as obras de Machado de Assis têm permanecido gerações após gerações, devido seus textos mostrarem serem multissignificativos, evidenciando a partir de sua comprovação sobre o homem e a realidade de seu tempo, temas que envolve o homem de todas as épocas, questões relevantes como, “o amor, o ciúme, a morte, a afirmação pessoal, o jogo da verdade e da mentira, a cobiça, a vaidade, a relação entre ser e o parecer, as oscilações entre o bem e o mal, a luta entre o absoluto e o relativo”. Ainda sob a perspectiva de Domício (1984, p. 4), destacamos o seguinte posicionamento:

Se escreve com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, se seus personagens se movem em espaços urbanos do Brasil, notadamente do Rio de Janeiro, essa visão e essa localização em nada diminuem os espaços da reflexão que suas histórias nos lançam diante. Antes, pelo contrário. Sua percuciente visão de mundo aprofunda o nosso mergulho na direção de nós mesmos.

Seguindo essa perspectiva, Domício cita o romance de *Dom Casmurro*, onde o mesmo qualifica a trama como simples, como também o trajeto dos protagonistas no seu dia a dia. Uma história de amor, uma família de classe média no Rio de Janeiro do século passado, sua ética, seus valores. Igualado, o duvidoso adultério, responsável por provocar o desequilíbrio da família e transformada no centro da ação desenvolvida.

Lendo a obra numa análise de existência do personagem-narrador, buscando “atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência”, como fica claro na narrativa, compreendemos, dentre tantas outras perspectivas, como um estudo preciso do ciúme e da forma comportamental da mente do ser humano, alcançando então o romance outra representação e significado.

Nesse contar de vidas, Machado alcança, por meio da simulação do particular, atingir dimensões de universalidade: suas personagens superam seus próprios limites pessoais, para se converterem nessa mudança de palavras e expressões do homem do ocidente.

Domício Proença Filho expõe textos machadianos que abordam as contradições da mente humana e o jogo de aparências mantido pela sociedade. No

conto “*A causa secreta*”, o médico Fortunato é desmascarado gradativamente, revelando ao leitor a constituição de uma personalidade sádica e obsessiva. Em “*O caso da vara*” e “*Pai contra mãe*” mostram o funcionamento da sociedade escravocrata, com as situações cruéis promovidas pelo sistema, a “*Teoria do Medalhão*”, retratando a aniquilação do indivíduo em favor de uma imagem e posição social considerada privilegiada, nela o pai pretende realizar-se a partir do filho e lhe aconselha a se tornar um medalhão: alguém reconhecido, com prestígio social, mas que abre mão de seus gostos pessoais, de instruir-se. Em “*O Alienista*”, fica clara a análise psicológica e crítica que faz do homem e da sociedade. Ao criar um hospital para tratar a insanidade, o médico acaba internando a maior parte da cidade, concluindo que a loucura seria o padrão social.

Podemos verificar, em “*A Cartomante*”, a ironia de Machado ao construir um personagem que a princípio zomba da amante por ela ter superstições e acaba acreditando na cartomante; crença que provoca sua morte. No conto “*Missa do Galo*” temos um simples relato da noite de véspera de Natal de um adolescente, mas que revela muito da estrutura social da época: a traição consentida e a mulher limitada ao espaço da casa. Segundo Domício Proença Filho (1984, p7):

Seus contos e seus romances caracterizam, entre outros traços, o experimentalismo de feição lúdica, a desmitificação da aura, a presença da paródia, a construção gradativa das personagens através do fluxo de consciência, a valorização dos estados mentais das personagens mais do que da ação e da trama, o permanente exercício da metalinguagem, a fratura da visão tragicizante através do humor, certa dose de surrealismo, a presença de influências explicitadas, a preferência pela relatividade, a prática da narração como um processo de autorrevisão, o estímulo à participação do leitor na “composição” da obra”.

Na prosa machadiana, na visão da arte literária em geral e no ambiente da literatura brasileira, o crítico deixa claro sua opinião de que ela “continua viva e presente, e presente e viva permanecerá ainda por muito tempo, porque a mentira de sua arte é daquelas que conseguem revelar muito da verdade de nossa complicada condição humana”. Há, em todos esses contos, como em vários outros do autor, relações humanas em âmbito de universalização, caracterizadas à luz de aspectos da época que em nada prejudicam a atualidade das questões apontadas.

## 2 “MISSA DO GALO”: enredo, personagens, foco narrativo

Neste capítulo apresentaremos um resumo do enredo do conto, apontando e caracterizado seus principais personagens, bem como identificando seu foco narrativo.

O conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez em 1893. Trata-se de uma narrativa ambientada no Rio de Janeiro, cujo enredo nos revela que Machado de Assis substitui a amargura por uma doce melancolia. Conto moderno, onde se esboça o enredo e a ação se baseia em pequenos episódios quotidianos, com algum significado humano. Neste conto, Machado de Assis aborda um possível adultério como tema, que nesta época era um grande tabu.

O conto tem foco narrativo em primeira pessoa onde o narrador também é personagem e conduz a história, a partir de sua ótica, de modo que o leitor tire suas próprias conclusões: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (ASSIS, 1981, p1). O narrador do conto é Nogueira, um rapaz de dezessete anos de idade que veio ao Rio de Janeiro para estudos preparatórios. Ao narrar a história, já está velho e marcado pela lembrança de um episódio ocorrido quando ainda era adolescente. Índícios de sua velhice podem ser percebidos através de indícios do próprio texto, a exemplo de quando Nogueira não se lembra da data em que tudo aconteceu e diz que fora em meados de 1861 ou 1862.

Nogueira é de Mangaratiba e está hospedado na casa do escrivão Meneses, viúvo de uma das primas de Nogueira e casado em segundas núpcias com Conceição, uma “santa”, que era traída pelo marido, “Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido” (ASSIS, 1981, p.1). Este dorme fora de casa uma vez por semana dizendo que vai ao teatro, porém, vai ao encontro de sua amante. Vivem na casa, ainda, D. Inácia, mãe de Conceição, e duas escravas. Todos na casa sabiam da traição de Meneses, inclusive sua esposa.

O conto possui certo nível de suspense em uma longa situação ambígua, envolvendo um misto de conversa, de sensualidade e de insinuações numa noite de Natal entre o jovem Nogueira e Conceição, uma bondosa senhora, casada, porém, desvalorizada e desonrada com uma relação extraconjugal do marido. Na noite de

Natal, Nogueira queria assistir à missa do galo na Corte e permaneceu na sala da casa de Meneses, aguardando a meia-noite. Enquanto o jovem lia o romance “Os Três Mosqueteiros”, Conceição entra na sala vestindo um roupão branco e começa a conversar com o jovem que fica intrigado com sua roupa, seus gestos, suas atitudes, seu andar e suas frases ambíguas: “Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. (ASSIS,1981, p.2).

Seguindo a linha narrativa da história, temos a descrição da família que vivia na casa e essa descrição parece algo normal: “A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia” (ASSIS,1981, p.1). Machado nos apresenta o retrato da velha e normal família brasileira, com escravos, um marido uma mulher. Ao falar do horário de dormir, ele mostra ao leitor como a vida em família é enfadonha, tentando tirar essa romantização da instituição família, algo comum entre os escritores realistas, indo contra as bases do país, como religião, escravatura, a família brasileira, algo totalmente contrário ao Romantismo, momento este que Machado viveu em sua primeira fase.

Nogueira fica intrigado com as constantes idas de Meneses ao teatro e como nunca houvera ido a tal espetáculo, pede para ir com Meneses. Então, junto a algumas caretas da sogra, as risadas das escravas e como Meneses não respondendo apenas se vestindo e indo embora, descobrimos que Meneses trai Conceição todas as semanas indo ao “teatro” e passando a noite fora: “Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana” (ASSIS, 1981, p.1). Conceição, por sua vez, mesmo sabendo dessa traição, aceita, pois sabe que se separar do marido não terá para onde ir, e ela e sua mãe seriam largadas à sorte nas ruas da capital.

Nogueira vai à primeira sala da casa onde fica lendo e esperando a hora passar para poder ver a missa do galo no centro da cidade, evento que nosso protagonista nunca assistiu e não irá desperdiçar essa chance estando na Capital do país para poder ver de perto o que provavelmente era a maior e mais importante missa do galo. Então, após as dez horas, quando toda a família já estava deitada, tinha como companheiro o romance de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros* para lhe fazer companhia.

Conceição acorda em meio à noite e vai até onde Nogueira está e pergunta se ele gosta de romances. Este responde que sim e Conceição pergunta se ele já leu a moreninha:

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros. — Justamente: é muito bonito. — Gosta de romances? — Gosto. — Já leu a Moreninha? — Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba. — Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido? (ASSIS,1981, p.2)

Ao longo da conversa entre os dois personagens e quando o assunto começava a ficar bom e o narrador ia se empolgando vinha a frase: “mais baixo, mamãe pode acordar!” (ASSIS,1981, p.4), mostrando assim o clima de perigo que os personagens corriam, como se os dois estivessem juntos em um quarto, e uma mulher casada não seria vista com bons olhos conversando com um jovem tarde da noite em sua casa.

Aos olhos de Nogueira, Conceição é descrita como uma mulher com um rosto mediano, que começa a ficar “linda, lindíssima”. Os olhos do rapaz não conseguem parar de notar o balanço do corpo e seu olhar vai até “o bico das chinelas”. A “Santa” Conceição se revela, então, uma mulher extremamente sensual, provocante e tudo isso a apenas alguns centímetros dele. Sempre que o narrador se animava, vinha a frase: “mais baixo, mamãe pode acordar!” (ASSIS,1981, p.4).

O diálogo entre os protagonistas encerra-se com o vizinho gritando em alto e bom som - “Missa do Galo, Missa do Galo” para chamar Nogueira a meio noite: “Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: “Missa do galo! missa do galo!”(ASSIS,1981,p.5). As horas se passaram muito rápido e ao final, quando Nogueira vai embora e chegado a missa, não conseguia parar de pensar em Conceição nem esqueci das conversas que noite adentro tiveram. “Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos” (ASSIS,1981, p.6). No dia seguinte, Conceição, ao encontrar-se com Nogueira, agiu como se nada tivesse acontecido e Nogueira apenas repetiu. Tempos depois ao voltar ao Rio de Janeiro, Nogueira descobre que o velho escrivão houvera morrido e que Conceição tinha casado com o escrevente juramentado do marido.

### **3 CONCEIÇÃO E A MULHER DO SÉCULO XIX: uma análise do papel da mulher no conto.**

Neste terceiro e último capítulo, nos debruçaremos no estudo analítico da personagem Conceição, identificando seus traços, esmiuçando seu comportamento, na tentativa de perceber o papel da mulher representado no conto.

Desde outrora, sempre que se colocam em pauta questões direcionadas à figura feminina e ao seu comportamento, seja na literatura ou em qualquer âmbito social, é comum vê-la sendo discutida, ao longo de sua história, como objeto de dominação masculina, havendo à submissão e a inferioridade perante o poder do homem. É nessa ótica reprimida e obediente que a mulher é caracterizada, com uma ênfase maior no final do século XIX e início do século XX, quando nesse período surge o pensamento feminista, e posteriormente, uma mudança na maneira de se ver e considerar a mulher socialmente.

Tomando o conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, como objeto de estudo deste trabalho, verificamos que a narrativa nos permite fazer uma reflexão em torno do papel da mulher representado no enredo que põe em evidência a presença de Conceição, figura feminina apresentada, aparentemente, como uma mulher passiva e compreensiva, refém das convenções sociais impostas pela sociedade.

Ambientado no Rio de Janeiro antes da abolição, o conto revela, obviamente, os costumes de sua época, período em que a traição masculina era aceita socialmente, conforme demonstra a marido de Conceição, que, uma vez por semana, tinha encontro marcado com a amante, dizendo que ia ao teatro. O comportamento de Nogueira reflete a postura mantida pelo homem em uma sociedade considerada machista e patriarcal. Posições eminentes de um contexto sociocultural da época do século XIX.

Em suas obras, Machado de Assis construiu personagens misteriosos, figuras femininas que deixam no leitor um sentimento de desconfiança e suspense quanto a seus comportamentos e caráter. A mulher é colocada em suas obras como um ser que ora mostra-se como inocente e virtuosa, ora como traidora e dissimulada. Aparentemente, Conceição se apresenta como um ser passivo e submisso às tradições de seu tempo, se comportando, no seio familiar, como um elemento figurativo, um “enfeite” de seu lar, alguém totalmente voltada somente ao controle

das atividades domésticas, pessoa que não exerce nenhuma ocupação ou posição ativa fora desse espaço. Ou seja, Conceição representa a típica dona de casa que vive para a família e o casamento, não exercendo nenhuma outra atividade fora do lar, dependendo, exclusivamente do marido para sobreviver. Sob essa ótica, percebemos que Machado retrata comportamentos de uma sociedade considera machista e patriarcal, ou seja, uma sociedade que não dava oportunidades à mulher de ocupar o mesmo espaço destinado aos homens, mas que guardava para elas todas as referências ao “bom comportamento”.

Em “Missa do Galo”, a personagem de Conceição é retratada pelo narrador como uma mulher que é vista pela vizinhança como a representação de uma santa “... Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos” (ASSIS, 1981, p.1)”. Conceição é uma mulher que suporta a indiferença do marido e, até mesmo sabendo da traição dele, mantinha-se passiva, conforme demonstra o fragmento a seguir:

Vestia-se; saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Menezes trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça: mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito. (ASSIS, 1981, p.1).

Além de submissa, Conceição é descrita também como uma mulher religiosa, que repudiava os dois quadros tidos para ela como vulgares que foram fixados na parede pelo marido e que preferia “duas imagens de santa”. Era o exemplo da mulher bem casada, honesta, séria e dependente do marido. De atitudes moderadas e personalidade passiva, Conceição incorpora a típica mulher ociosa que gosta de leituras românticas a fim de ocupar seu tempo. Mas o desenrolar do enredo vai nos revelando algumas surpresas, a exemplo do momento em que o narrador afirma que, em meio a conversa com o jovem de dezessete anos que se hospedava em sua casa, que “de vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los” (ASSIS, 1981, p.1). E a pergunta surge para o leitor: ela estaria se insinuando para o jovem? E se estivesse, ela seria essa mulher submissa da época em que o conto foi escrito? Não seria ousadia da personagem tomar a iniciativa e paquerar o rapaz? Analisando sob essa ótica, podemos dizer que Conceição de passiva e submissa passa muito longe.

Vale destacar que Conceição é descrita como uma mulher de trinta anos, portanto, muito jovem para se submeter aos caprichos do marido que dormia fora de casa uma vez por semana. Desse modo, as insinuações para o jovem de Mangaratiba que veio do Rio de Janeiro para os estudos preparatórios e se hospeda na casa do escrivão Menezes, talvez figurem como indícios da insatisfação de Conceição perante aquela situação. Desse modo, o conto nos põe em contato com a psicologia feminina, aspecto tão bem retratado na obra de Machado de Assis.

Estando sozinha com Nogueira, jovem de apenas dezessete anos, menos experiente que ela, Conceição deixa de lado as convenções sociais e começa sucessivamente a se revelar. Ela deixa a passividade, pois “tudo nela era atenuado e passivo” (ASSIS, 1981, p.2) e passa a agir com altivez, como se observa no momento em que o estudante faz menção de se levantar e ela o impede, retendo-o “-D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu ... / - Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo.” (ASSIS, 1981, p.3). Conceição expõe a sua sensualidade e se apresenta como mulher audaz e uma aproximação física entre ela e o jovem Nogueira se faz progressivamente: “... ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé”; “E não saía daquela posição que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras”; “Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado”. (ASSIS, 1981, p.4).

Observamos nesses fragmentos a tomada de iniciativa e o poder de sedução de Conceição perante o jovem que se mostra tomado pela beleza dela. Seu poder de sedução imobiliza o rapaz e ele se encanta por ela, ao ponto de iniciar a narrativa afirmando: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal...” (ASSIS, 1981, p.1).

Ao longo da conversa podemos notar o controle da situação por Conceição, justificado talvez pela falta de experiência de Nogueira, que na época tinha apenas dezessete anos. Ela domina o rapaz e o enredo do conto se centra nela, que nos surpreende ainda mais quando, ao final da narrativa, temos a seguinte declaração do narrador:

Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido. (ASSIS, 1981, p.6).

O fragmento nos revela mais um indício do comportamento suspeito de Conceição. O fato de se casar logo após a morte do marido com seu escrevente nos possibilita deduzir que a mesma deveria se comportar de maneira sedutora, assim como fez com o jovem rapaz, com os demais convidados e amigos do marido. Desse modo, de “santa”, Conceição não tinha nada, fato que demonstra o caráter ambíguo do comportamento da personagem. Machado nos seduz, assim como Nogueira se deixa seduzir por Conceição, nos deixando em dúvida em relação à postura da mulher nessa narrativa, ideia que é reiterada pelas dúvidas do próprio narrador, que compartilha com nós leitores suas dúvidas e suspeitas em torno da personagem.

Vale lembrar, a respeito da obra de Machado, que inicialmente ele introduziu o Realismo no Brasil em pleno século XIX, trazendo a vida diária da sociedade brasileira que começava a sofrer muitas dificuldades e transformações que atingiram o advento do capitalismo e a conseqüente urbanização. A sociedade passou a vivenciar novas formas de convivência social. Com a ascensão de uma nova classe social, a burguesia, a sociedade passa a desenvolver uma nova mentalidade, uma maneira diferente de organização das vivências familiares e domésticas. O homem agora está diante de uma mulher que se entrega facilmente à sensibilidade e às novas formas de pensar o amor. Talvez seja este o papel de Conceição no conto: representar uma mulher com mais iniciativa, não submissa, dona de si mesma e de suas próprias vontades.

Outro aspecto relevante dos romances realistas de Machado de Assis é que nestes há sempre uma voz narrativa, um personagem central, sempre masculino. Como o narrador é esse personagem central, toda a narrativa está condicionada a sua própria visão dos acontecimentos. Além disso, o personagem faz a sua narrativa em um tempo muito posterior ao dos acontecimentos narrados. Já velho, talvez rancoroso e magoado com os acontecimentos da vida amorosa fracassada, é possível e compreensível o fato de este ter uma visão negativa da figura feminina.

É a ótica que acontece no conto “Missa do Galo”, conto este que Machado é narrado pelo personagem Nogueira. Em suma, podemos entender que os fatos narrados no conto apresentam o ponto de vista masculino que era moldado pela ideologia patriarcal vigente no início do século XIX. A compreensão das

personagens femininas na obra machadiana exige a princípio o conhecimento do personagem narrador e o ponto de vista através do qual o mesmo faz sua narrativa.

Contudo, não há provas concretas na narrativa sobre a veracidade de um ato de adultério, apenas insinuações imprecisas, em que pese a verossimilhança, levando, mais “as dúvidas” do que “as certezas” a respeito da vontade de práticas desregradas da virtude de mulher casada e honrada. Afinal, a suposta sedução torna-se visível através do olhar, gestos, atitudes e, principalmente, pelo pensamento de ambos, numa ação que se desenvolve durante aquela noite de natal em meio ao silêncio da noite.

É possível perceber neste conto que o mesmo nos oferece reflexões tanto no que é revelado pelo narrador-personagem como também naquilo que o leitor tem liberdade de imaginar, daquilo que possivelmente não é exposto pelo narrador. Mas uma coisa fica claro no conto, o desejo e a sensualidade descritos nessa conversa entre Nogueira e Conceição são indiscutíveis.

As lembranças de Nogueira indiciam o gosto e o interesse de Machado pelo dizer através das entrelinhas, aspecto peculiar da linguagem do autor que costuma deixar o leitor a pensar e viajar no que não foi “revelado”, envolvendo-o em uma simples conversa de uma noite de natal. Mesmo descrito no conto o contato físico de apenas um simples toque de Conceição no ombro de Nogueira, foi suficiente para levar o leitor a dar continuidade ao conto finalizando da sua melhor forma. Tudo isso coloca o conto a “Missa do Galo” em um dos mais memoráveis de Machado de Assis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do conto *Missa do galo*, cuja leitura se centrou no personagem Conceição, deduzimos que Conceição retrata num primeiro momento, o comportamento de submissão a que as mulheres de sua época eram submetidas. Sob esta ótica, podemos dizer que o conto revela as práticas sociais da sociedade burguesa do Rio de Janeiro do final do século XIX, inclusive a hipocrisia que existe nessas práticas.

Mas a personagem central da narrativa se transforma ao longo do enredo e acaba revelando um traço transgressor na medida em que se insinua para Nogueira, parecendo não aceitar passivamente a traição do marido e, desse modo, surpreendendo a nós leitores. A ambiguidade da personagem figura como um dos elementos que desperta bastante interesse pelo conto, provocando reflexão e suscitando o debate. Sobre o papel da mulher na sociedade, ainda há muito o que avançar e a leitura do conto pode ser um ponto de partida para o estabelecimento dessa discussão em sala de aula. Nessa perspectiva, o conto de Machado denota uma atualidade que merece, no mínimo, atenção.

Nesta situação de costumes camuflados e constantes aparências, podemos identificar diversas maneiras de enxergar a representatividade da mulher, dentro de uma sociedade excessivamente machista e patriarcal, que aceita passivamente a traição masculina. A insinuação de Conceição para o jovem Nogueira acaba evidenciando a fragilidade feminina diante do comportamento infiel do marido, que socialmente é aceito, ao contrário quando esta ação tem a iniciativa da mulher.

No que diz respeito a desigualdade entre homens e mulheres, ainda há muito o que ser feito, discutir e avançar. Ainda existem muitas Conceições vivendo na submissão do casamento, sob a dependência masculina na sociedade atual, ainda hipócrita e preconceituosa, sobretudo quando se avalia a condição de injustiça em que se encontra a mulher. Quando esta se rebela em relação ao fim de um relacionamento, por exemplo, sua rebeldia tem sido punida com violência, feminicídio. O conto de Machado, portanto, nos proporciona a abertura deste importante debate. Que possamos iniciá-lo o mais urgente possível.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.L. Produção de texto: interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006;

BRAYNER, Sônia. O conto de Machado de Assis - antologia. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2004;

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2007.

PROENÇA FILHO, Domicio. Permanência e atualidade da ficção machadiana. In: *Melhores contos Machado de Assis*. 1ª ed. São Paulo: Global, 1984.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Prosa I. Formas em Prosa, Conto, Novela, Romance*. São Paulo: Cultrix, 1967